

À Biblioteca Pública de Braga

TERRA LIVRE6
ABRIL
1974

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

DIRECTOR Interino: João Barbosa de Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

Sede e Administração
Comp. Impressão e Redacção

LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

PRESENÇA DE CRISTO NO SACRÁRIO

Houve quem negasse a presença real de Cristo fora da Missa. Isto seria ir contra uma verdade de Fé definida na 13.ª Sessão do Concílio de Trento:

"Se alguém disser que no Santíssimo Sacramento não há-de ser adorado Jesus Cristo, o unigénito de Deus, e que por isso não deve ser honrado com celebração festiva peculiar, nem ser levado solenemente em procissões conforme o rito e costume louvável e universal da Santa Igreja, nem sequer exposto publicamente ao povo para sua adoração, e que os seus adoradores são idólatras, seja anátema".

Paulo VI tem insistido na mesma doutrina. Escreveu no *Crede do Povo de Deus*:

"A única e indivisível existência do Senhor glorioso que está no céu não é multiplicada, mas torna-se presente, depois do sacrifício, no Santíssimo Sacramento que está no Sacrário, coração vivo de cada uma das nossas igrejas. E é para nós dulcíssimo dever honrar e adorar, na sagrada hóstia, que os nossos olhos vêem o Verbo Encarnado, que eles não podem ver e que, sem deixar o céu, se tornou presente no meio de nós".

Outros documentos há em que o Santo Padre, repetidamente, insiste no mesmo:

Não é lícito propor e generalizar a opinião que afirma não estar presente Nosso Senhor Jesus Cristo nas hóstias consagradas que sobram, depois da celebração do Sacrifício da Missa (*Mysterium Fidei*, pag.9).

Será conveniente reivindicar, contra certas negações que se encontram, aqui e ali, a permanência da presença real de Cristo nas espécies eucarísticas, mesmo depois da celebração da Missa, durante a qual elas foram consagradas. Cristo permanece; e, assim, justifica-se, aliás, exige-se um culto especialíssimo da Eucaristia até fora da Missa, como a fé de a piedade da Igreja sempre professaram e como nos tempos mais próximos a nós ela promoveu e sempre celebrou com maior respeito e solenidade. Deste modo, o culto do Tabernáculo, a adoração privada e pública do

Santíssimo Sacramento, a procissão ou o culto solene foar do templo, por ocasião da Festa do corpo de Deus, os Congressos Eucarísticos têm a sua razão de ser segundo a fé, a teologia, a liturgia, a piedade individual ou colectiva. (Alocução de 31-5-72. Ver OSSVARTORE ROMANO, edição portuguesa de 4-6-72).

Esta presença de Cristo no sacramento-chamada a sagrada reserva—é antiga na vida da Igreja. A princípio os cristãos levavam a Eucaristia para casa, a fim de a darem aos doentes e a distribuírem aos

fiéis que, impedidos de participar na Santa Missa, a pedissem fora desta. Quando foi dada a liberdade à Igreja construíram-se, nos templos, os sacrários, que tinham a forma de pomba ou de torre.

Em cada igreja deve haver um único sacramento. A presença eucarística deverá ser indicada por meio de um sinal inconfundível, como o véu do tabernáculo, ou outro sinal determinado pela Conferência Episcopal (*Eucharisticum Mysterium*, n.º 57).

Ao lado do sacramento estará «*Continua na 4.ª página*»

Dr. Rui Arantes Rodrigues

Acaba de concluir a sua formatura em Direito, na Universidade de Lisboa, o Sr. Dr. Rui Arantes Rodrigues.

O novo licenciado é filho desta freguesia, aonde também reside em companhia de seus pais.

É com agrado que vemos mais um natural desta terra concluir o seu curso valorizando-se e enriquecendo este meio que já conta um significativo número de formados, e que, pela quantidade e valor da sua classe estudantil, certamente verá esse quadro honroso aumentado.

É com satisfação que lhe prestamos a nossa homenagem e endereçamos os parabéns.

Mini Gazeta

Já lá vai um ano e mês
Que a «Gazeta» suspendeu,
Ela, claro, e mais eu.
(A verve que Deus me deu)
Para falar com Vocês.

Não me sinto arrependido,
Mas um tanto conjurado
Ou, até, amofinado,
Por ver este meu «bocado»
Tão bem pouco compreendido.

Não esperava pedidos
Feitos em correspondência
Para ter a paciência
De repor a tal «ciência»,
Nestes versos resumidos.

Como ninguém reagisse
Eu, portanto, nunca mais
Incomodei os demais,
Por reparar nos mortais
Que era sinal de chaticel

DAVUS

A Valorização Regional no IV plano de fomento

No IV Plano de Fomento, actualmente em execução, está projectada a criação das Sociedades de Desenvolvimento Regional. Trata-se de uma medida verdadeiramente notável e que envolve plena consciência das realidades de uma política de crescimento económico.

É verdade que o IV Plano de Fomento começa a executar-se num período particularmente difícil da economia europeia e mundial—com negros castelos de nuvens a toldar o horizonte. «Queira Deus que incontrolável crise económica generalizada não ponha em causa a possibilidade de alcançarmos os elevadas taxas de expansão económica, que havíamos previsto.»—afirmou recentemente o Ministro de Estado Mota Campos.

Ressalvada a hipótese, agora a pairar sobre a economia mundial, de dificuldades generalizadas, o País certamente teria possibilidade,

O Sr. Secretário de Estado da Agricultura no nosso Concelho

Ontem, hoje e amanhã, encontra-se no Minho o Sr. Secretário de Estado da Agricultura que vem tratar de assuntos referentes ao seu departamento.

No dia de ontem aquele membro do Governo preside a uma reunião na Central Fruteira da Ponte do Bico, deste concelho, estando presentes os elementos preponderantes dos Concelhos de Amares e Vila Verde, no sentido de se dimensionar o melhor aproveitamento para a zona do alto Cávado.

O nosso Concelho esteve representado pelos srs. dr. Paulo Macedo, presidente da Câmara; dr. Joaquim Pereira da Silva e João de Macedo pelo Grémio e Cooperativa Agrícola e por três proprietários locais.

Julgamos saber que os nossos assuntos foram debatidos com amplitude e interesse, pelo que voltaremos a referir-los no próximo número.

embora pela via de um "crescimento selvagem" (isto é, alheado dos aspectos sociais e do desenvolvimento equilibrado), de acalçar uma taxa de expansão sensivelmente superior à prevista no plano.

Conscientemente o Governo renunciou a obtê-la, porque a busca do "crescimento económico a todo o custo

Continua na 4.ª página

5.ª COLUNA

Evidentemente que o que me traz aqui hoje está debatido, rebatido, e mais verbos haveriam ainda para dizer que o assunto praticamente esgotado, continuará a abater-nos a todos e em todo o mundo,—a subida astronómica dos preços.

Não é possível imputar-se tal subida apenas à crise energética actual, uma vez que variados factores causam esta perturbação. E se é notória a subida de salários também é certa a falta de contribuição directa do empresário nessa necessária subida, pois da sua muito compreensível intuição, já deveria ter previsto que, neste ritmo aumentativo, dentro de pouco a crise culminará com a pior de todas—a crise de compra.

Se o público começa a restringir certa percentagem de compra, em função do estritamente necessário à sua alimentação, é evidente que chegaremos ao caos e o empresário acabará por sucumbir num desespero enervante que o obrigará a cessar a sua actividade. Daí colocar o seu pessoal no desemprego, terminando com tudo isto no pior caos de que há conhecimento.

Há dias, em certa casa comercial, verifiquei esta coisa muito séria. Em Dezembro do ano findo, o comerciante recebeu uma nova tabela de preços de determinado artigo, com o aumento de 32 por cento. Pois, agora, em 31 de Março, recebeu nova tabela com novo aumento de 35 por cento. Quer dizer: em 3 meses o artigo sofreu o aumento de 67%. Neste diapasão por

Continua na 4.ª página

Evocando a Morte do Senhor!

«Eu vim ao mundo para lhe dar a vida!» Palavras de Jesus Cristo, nosso Redentor e nosso Irmão!

Jesus veio de facto ao mundo, conferir a vida, prégear a vida do amor, da graça, da caridade e da fraternidade!

Descendo dos Céus para nos redimir no seu sangue, era necessário cumprirem-se as escrituras, isto é, padecer e morrer no alto do Gólgota por amor desta humanidade re-fratária que se degladiava!

Se, pois, os homens, volvidos dois mil anos, esqueceram que Ele veio prégear a vida, inflingindo e semeando a morte e fomentando a guerra, é porque perderam a fé, e esqueceram o brado solto na agonia que sentiu, no pleno da sua natureza humana, Aquele grande Homem-Deus, e que do alto do Calvário souou como trovão e atingiu, para lá das barreiras do som, todo o Universo na sua plenitude: «Meu Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem»!

Pouco antes, condenado à morte pelo Sinédrio, Tribunal Judeu que não poderia executar a Lei sem a aprovação Romana, reúne escandalosamente, uma vez que à margem da mesma Lei de Roma nenhum tribunal poderia funcionar durante a noite, o Pretório, já pela noite dentro, onde Jesus é apresentado em Juízo como malfetor! Pilatos porém não vendo culpas naquele Homem, a todo o transe procura salvá-lo da condenação do Sinédrio, mas nós gritávamos enfurecidos, com o nosso pecado, com a nossa ignomínia, com o nosso egoísmo vomitando ódio: *Cruxifica-o, Cruxifica-o!* Terrível erro da mais alta e perfeita Justiça assim con-

siderada ao tempo, á face da Terra!

Terrível o nosso fracasso, porque éramos nós, e somos ainda nós a chamar a Pilatos: *Cruxifica-o, Cruxifica-o!*

E é Jesus que sobe, depois de açoitado pelas nossas quedas, tremendas, a calcinante via do Calvário! E é Jesus, aquele manso e terno cordeiro que arrasta o nosso pecado, o nosso vitupério, a nossa lama, os nossos escarros! E é Jesus que ressuscitou Lázaro e o filho da Viúva de Naím, que limpou os leprosos, curou paralíticos e deu vista a cegos, irmãos, isto é, que nos constituiu herdeiros de um Reino, é Jesus quem carrega o madeiro e sobe agora o calvário onde se vai consumir a maior e mais horripilante tragédia da História da Humanidade!

Vejo-Te, Senhor, através da via dolorosa, caminhar desfalecido, exausto, fisicamente gasto, caindo sob o peso da Cruz! Piores do que Pedro, que Te negamos hora a hora, momento a momento, somos nós, que não choramos amargamente! Piores que Pilatos, que tanto procurou defender-Vos, Senhor, não obstante se tivesse deixado vencer pela cobardia, quando nós, que nos dizemos Vossos filhos e nos deixamos vencer pelos respetos humano quando Vos atacam e ferem!

Homens meus irmãos, souo a hora da volta a Cristo, nes-

ta Páscoa que se aproxima, neste Ano Santo que vem incitar-nos à reconciliação, ao amor e à fraternidade humanos! E é necessário uma transformação radical das nossas vidas! «Urge que nos libertemos do homem velho»!

Atendamos ao apêlo de Jesus, que nos dá como pe-nhor o seu próprio sangue, amor incomensurável!

Que as palavras aqui expressas não sirvam para me glorificar, Senhor, mas sim para que sejas mais conhecido e amado por aqueles que, de corações gélidos e empedernidos se deixaram vencer pelo materialismo, desperdiçando o amor que tão prodigamente, do alto da Cruz, lhes oferecetes de braços abertos!

Gota D'orvalho



FUTEBOL

F. C. AMARES - VILAVERDENSE F. C.

Domingo dia 7, no Campo de Jogos Luis Calheiros de Abreu, pelas 16 horas, a contar para o campeonato da A. F. de Braga. Os Velhos rivais em jogo decisivo para as aspirações dos dois Clubes, e que a direcção do F. C. A. promove

Dia de Clube

Telefones para serviços

DE URGÊNCIA



Gasa de Saúde de Amares		62122
Farmácia Pinheiro Manso		62127
Guarda Nacional Republicana		62115
Farmácia Marques Rêgo		62124
Doutor João de Sousa Fernandes (Médico B. S.ta Maria)		66133
Doutor José Fernandes	Médico	Amares 62122
Doutor Eduardo Gonçalves	(Médico)	62142

AS DUAS ORFÃES

(Continuado do número anterior)

aquelas mulheres contra a sua infeliz companheira.

Acreditavam todas na sua culpabilidade. Para elas, Dolores era a mulher que tinha estado num gabinete reservado com o dono do bazar, dando assim origem a que ele morresse assassinado. As mais benevolentes, limitavam-se a compadecer-se do noivo, apontando-a e ela a dedo.

E voltaram-lhe as costas, demonstrando-lhe assim, ineludivelmente, que não a achavam digna de conviver com elas.

A pobre Dolores sofria intimamente de uma maneira horrorosa.

Fechava os olhos para não ver, mas aos seus ouvidos chegava o surdo rumor daquela maledicência, que, como um punhal, se cravava na sua honra, esfacelando-lha.

Não podendo mais suportar aquele vexame, vermelha de cólera e de vergonha, saiu dali a soluçar e foi colocar-se no seu lugar, atrás do balcão. Sentou-se então sobre uma caixa, escondeu o rosto entre as mãos e rompeu a chorar, perante a indiferença de quem a observava.

Por fim, a encarregada da secção, mulher já um pouco idosa, acercou-se dela e disse-lhe, num tom de censura:

—Dolores... Como te atreveste a voltar aqui, depois do que se passou?

Dolores, então, como se fosse mordida por uma víbora, pôs-se imediatamente de pé, e, cheia de cólera, respondeu com dignidade:

—Vim, porque a minha consciência está limpa!

—O que há-de tu dizer!...

—A verdade! Não digo senão a verdade.

Ouviu-me bem?... O que estou dizendo é a pura verdade! Vim retomar o meu lugar, porque nada tenho que me acusar, percebeu? Se não viesse, equivaleria a reconhecer-me culpada de uma culpa que não tenho.

Fizeste mal. Toda a gente te acusa, e as tuas colegas estão completamente crentes de que fostes tu a causadora do assassinato. Sabem que o teu noivo está na prisão. O que queres tu que elas façam? Como queres que te julguem?

—Façam e julguem o que quiserem. Eu estou inocente, e vim aqui continuar a cumprir os meus deveres.

—Mas não vês que dás ocasião a um escândalo?

—Não me importa. Sou inocente, e não tenho que curvar a fronte se ja diante de quem for, diante de ninguém!

—E Julgas que vão deixar de apontar-te como culpada? Se assim o julgas, é porque conheces mal o mundo! Por mais inocente que proventura possas estar, depois de te apontarem a dedo, já ninguém te acredita, nem consegues lavar a mancha que te atingiu.

—Pois se toja a gente que me difama é gente má, eu não o sou. A minha obrigação, o meu dever estão aqui. Venho, portanto, cumprir a minha obrigação, o meu dever. Não tenho culpa de que o meu pobre Mario se deixasse dominar por ciúmes injustificados, e cometesse um crime por equívoco, de que não sou responsável.

—Oral... E quem dará crédito às tuas palavras, quando os factos te acusam? Não! Não compreendes isto?... A opinião pública é inteiramente contra ti!

—Sem razão. Cristo também foi crucificado, sem motivo algum.

—Mas era filho de Deus, e tu não passas de uma pobre mulher. Segue o meu conselho, Dolores: antes de que abram as portas ao público, despe a bata, veste o teu vestido, e despede-te da casa!

—Nunca! Seria acusar-me a mim própria de uma falta que não cometi.

—Lembra-te de que as tuas colegas te farão sofrer toda a casta de humilhações.

—A minha inocência as vencerá.

—Virá aqui gente da rua, não para fazer compras, mas apenas para te verem e para te apontarem a dedo!

—O meu lugar é aqui.

—Falias assim porque não sabes medir convenientemente a força que tem a opinião pública. Mais vale uma opinião boa, do que uma consciência recta.

—Não deixarei o meu lugar, porque estou absolutamente inocente!

—Dolores: mais cedo ou mais tarde há-de arrepender-te por não me obedeceres.

—Só obedeco à voz da minha consciência. Sou inocente, não tenho a mais pequena culpa. Por hei-de fugir como uma culpada? Por que hei-de baixar a cabeça como se fosse um malfetor? Não, não é justo. Ficarei no meu lugar.

As colegas da mesma secção, escondidas atrás das colunas, contemplavam a cena que se estava desenrolando entre Dolores e a encarregada. Faziam em voz baixa os seus comentários mas estavam irritadíssimas.

(Continua no próximo número)

TRIBUNA do CONCELHO

Notícias do Concelho De Angola

António J. Machado Nogueira

A presença deste nosso amigo é sempre grata aos numerosos amigos e às instituições que ele protege.

A sua vida comercial na Venezuela não o faz esquecer a sua terra natal que é Proselo e onde possui um ninho adornado de confortos onde pensará passar o resto da sua vida venturosa e cheia de alegria por ter conseguido realizar os seus sonhos. A marca do seu destino por Deus determinado, fica gravada também no coração da Pátria que ele soube honrar dentro e fora dela. As colónias portuguesas em várias partes do globo são grandes mas não é grande o número de filhos que mostram as virtudes filantrópicas do amigo Machado a quem a Tribuna Livre deseja a continuação de muitas felicidades, amor à terra e às instituições por ele protegidos o tornaram persona grata na sociedade Amarense.

Gaémio da Lavoura

Já estão a prestar serviços as novas máquinas adquiridas pelo Grémio da Lavoura. Procurar debelar a crise de braços que se verifica, é um dos mais importantes serviços que o Grémio presta aos sócios quasi limitados somente a pagar as cotas.

Restando o Ministério da agricultura e derigido pelo Doutor Mota Campos é uma clareira que se abre nas densas nuvens em que tem andado envolvida a agricultura a recorrer ao estrangeiro para alimentar um povo e um país sempre sortido do indispensável.

A sua missão não vai ser fácil mas se ele foge às responsabilidades que assumiu; lá se vão as esperanças de alguns de ver reabilitada a lavoura da triste situação a que se deixou conduzir.

Profilaxia da Raiva

Continua com intensidade a vacina dos cães em todo o concelho. Os proprietários dos cães mostram-se obdientes à disciplina e conscientes do perigo da raiva, cumprem rigorosamente as obrigações da defesa colectiva de um mal de difícil cura.

Matadouro

Vão adiantadas as obras do matadouro e o local escolhido oferece todas as vantagens sanitárias. Os talhanes que ajudaram o custo do Património Municipal estão de parabéns e dirão confi-

dencialmente aos responsáveis o que falta para a obra servir totalmente os seus interesses.

O que diremos é que a estrada precisa de concerto. Mas agora a coisa é com as O. P. a quem não falta nada para servir, como sempre, os interesses do povo e a vida dos automobilistas.

— Por —

Elísio Gonçalves

Carrazedo

Amares

Vindo de Angola, aonde galhardamente se bateu em defesa da Pátria Sagrada, regressou ao seio dos seus o nosso camarada gráfico sr. Augusto Abel Coelho, que em Caires, terra de sua naturalidade, teve calorosa recepção por parte de familiares e amigos.

Folgamos vê-lo chegar com saúde e mais moreno e de compleição física mais avantajada.

Os nossos parabéns à Família e que ao Augusto a vida lhe corra agora conforme os seus desejos são os nossos votos sinceros.

Um pouco de Beethoven

Para falar de Beethoven e da sua música ser-nos-ia preciso dispor de muito tempo — coisa que, para nós, é muito preciosa. Vamos tentar apenas esboçar, a pinceladas largas, o perfil do seu retrato anímico. E, já agora, também um pouco da sua música, até porque é esta que, sobremaneira, nos interessa.

Nasceu em Bona este genial compositor, porém, viveu quase sempre em Viena de Austria. Era orgulhoso e tinha uma grande ância de liberdade — características que se reiletem em algumas das suas composições, e mormente no final de algumas marchas.

Conquanto fosse terno, como se depreende das suas cartas familiares, era também duro e, por vezes brusco. Certa ocasião, o aluno Czerny executava ao piano, uma composição do mestre. A páginas tantas, começa-se a ouvir um zum-zum provocado por um parzinho de namorados que estava presente. Beethoven, que não gostava talvez de gente com sensibilidade medíocre, volta-se para Czerny e diz: «Não tocamos para porcos» e, fechado o instrumento, saiu.

A Nona Sinfonia é uma melodia verdadeiramente divina e Au Clair de Lune ou Serenate ao Luar tem a maviosidade dum coro angélico, em que vemos a claridade do luar espalhar-se sobre um lago azul, ao som dum mágico violino.

A surdez de que já sofria começou a acentuar-se, à medida que envelhecia. E nos salões esplendorosos de Viena, no fim de ele executar uma peça, a multidão aplaude-o freneticamente. No meio deste delírio, que já era a coroa da glória, notaram que Beethoven estava de costas voltadas para a multidão entusiasmada.

Já não ouvia. Cena comovente esta! O herói que, no campo de batalha, estava cego diante dos troféus!

Beethoven morreu pobre. Pobre e abandonado de todos aqueles que por todos foi aplaudido. Mas é o que normalmente acontece aos grandes espíritos que foram luz e calor da humanidade. Vede Camões entre farrapos na miséria enxerga do bairro pobre da Mouraria. Olhai Duarte Pacheco Pereira, o homem da bravura e valentia, que tantos serviços prestou à Pátria, desprezado no catre dum hospital.

Criou-se mais tarde esta lenda, não sei se verdadeira se falsa. Beethoven estava numa noite de inverno brava, fulgiu lá fora um relâmpago, rasgando a escuridão fechada. O compositor levanta o braço, com o punho cerrado, e baixou-o em seguida. Estava morto.

Ah! Se o Reino da sua juventude, viesse, com seus murmúrios, embalar num bergantim aquele que partia para a última morada... e as aves dos bosques de Viena chilrear a melopeia dum sinfonia eterna arrastando em asa ao infinito a musa que inspirou artista tão insigne...

FERRAZ DA MOTA

Estação Perdida

Já canta a poupa, espreita a Primavera
P'lo postigo do Inverno agonizante!
No peito, no meu peito palpitante
Já surge a luz dum nova quimera!

Já rodeiam o horizonte as andorinhas
Ciosas dos beirais, da Terra Lusa!
Um misto de alegria então se cruza
Com as tristezas companheiras minhas!

Em vão eu busco uma primavera
Que não encontro e jamais se gera
Na primavera que deixei na vida!

E a primavera dos cabelos brancos
Surgira nesta vida aos solavancos
Que entra no Outono só e confundida!

GOTA DORVALHO

O saber não ocupa lugar

Que significação tem o anel de casamento e outros costumes que fazem parte das cerimónias nupciais?

A maior parte dos usos que acompanham de perto o acto religioso com que a Igreja abençoa o matrimónio, são uma recordação das épocas primitivas. Quando o homem que desejava casar-se raptava a mulher preferida, não regressava à tribo sem ter obtido o consentimento dos parentes. O padrinho pode considerar-se como o representante do amigo que auxiliou o guerreiro selvagem a praticar o rapto. O anel simboliza os laços com que a mulher era atada para que não pudesse voltar à casa paterna e a lua-de-mel indica o tempo que o raptor vivia afastado do mundo, somente acompanhado pela esposa, até conseguir juntar os bens suficientes para indemnizar os pais do rapto da filha.



Para Rir

Um doente bate à porta do cirurgião. Vem abrir, na ausência da criada, uma pequenina filha do médico.

— O Senhor Doutor está? — pergunta o visitante.

— Não senhor, — respondeu a menina — o papá está no hospital a fazer uma operação à apendicite.

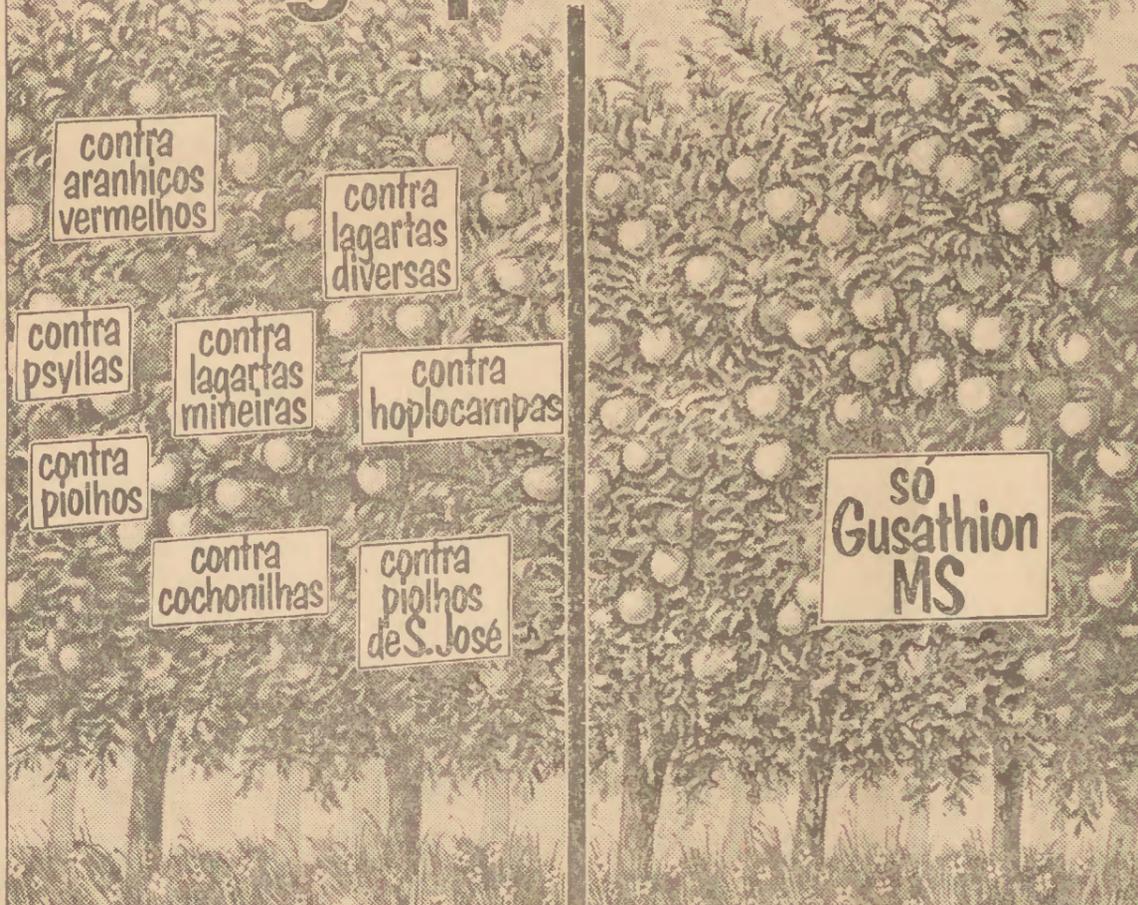
— Sim senhor! A menina sabe muito, — diz o cliente, a sorrir. — Então, sabe o que vem a ser uma apendicite?

A pequenita, cheia de importância, declara então:

— Espere aí um bocadinho que eu vou perguntar ao meu pai, mas parece-me que uma apendicite são dez contos...

Telefone dos Bombeiros Voluntários de Amares 62216

Gusathion MS um só chega para todos!



Para defender eficazmente o seu pomar de todos os parasitas que sempre ameaçam infestá-lo, aplique o insecticida, preventivo e curativo, Gusathion MS — e não mais precisa dum comboio de produtos diferentes como dantes tinha de usar. Gusathion MS, sozinho, combate seguramente todas as pragas. Aplicado segundo o calendário de tratamentos Bayer, torna muito mais fácil a tarefa de manter o pomar sempre livre de insectos daninhos — mantém-no limpo e mais saudável. E Gusathion MS vem já em saquetas-dose que facilitam a aplicação. Gusathion MS é garantia de melhor rendimento, maior eficiência — a garantia de eficiência Bayer.



Gusathion MS

Produtos Bayer para a fruticultura

Folimat

Poderoso acaricida polivalente, Folimat é reservado para os fortes ataques de ácaros, resistentes ou não.

Euparene

Extraordinária acção contra o pedrado das fruteiras, eficiente também contra o oídio, os ácaros e a monília.

Morestan

Fungicida acaricida orgânico de acção dupla, contra o oídio da macieira e os ácaros das fruteiras.

Antracol

Produto muito conhecido e usado pelos fruticultores portugueses pela sua notável acção contra o pedrado das fruteiras.

CUPÃO

Os Serviços Técnicos da Bayer estão ao seu dispor para o ajudar a resolver qualquer problema fitossanitário. Preencha este cupão e envie-o para APARTADO 2777 - LISBOA

Nome _____

Morada _____

Problema _____

BAYER — estudo constante e constantemente actualizado

1200 cientistas ocupam-se diariamente em todo o mundo da permanente e cuidada actualização tecnológica dos produtos Bayer. Bayer é assim a assinatura da completa e insuperável eficiência.



Presença de Cristo no Sacrário

sempre acesa uma lâmpada de azeite ou uma vela de cera. O local deve ser digno e apto a fomentar o recolhimento. Nele não se encontram em ambiente de silêncio e de tranquilidade. (*De Sacra Comunione et de cultu Myterii Eucharistici extra Missa*. Observatore Romano, edição portuguesa, 21-6 72).

A "Eucharisticum Mysterium" diz que o fim primeiro e primordial da sagrada reserva é a administração do sagrado viático. São fins secundários a distribuição da comunhão fora da Missa e a adoração de Nosso Senhor Jesus Cristo presente sob as espécies do pão e do vinho (n.º 49).

De harmonia com esta Constituição conciliar o Santíssimo não se pode guardar, de modo contínuo ou habitual, senão num só lugar da mesma igreja.

Normalmente haverá um

único sacrário, sólido e inviolável, colocado numa posição de destaque e em lugar adequado à oração privada, a meio do altar-mor ou de outro altar (n.º 52 e 54).

Onde há muitos casamentos e funerais, e nos lugares muitos visitados por motivo de tesouros de arte e de história, o altar deve colocar-se numa capela distinta da nave central da Igreja (n.º 53).

Relacionado com tudo quanto vimos dizendo está o respeito devido aos fragmentos. Cristo permanece nas espécies do pão enquanto o pão subsiste. Cristo está presente nos fragmentos enquanto estes conservam, sob o ponto de vista, quer das qualidades, quer das dimensões, a aparência de pão. A patena e o cálice devem ser purificados. ("Noticias", 75. Julho-Agosto, 1972, pag. 227).

SILVA ARAÚJO

A Valorização Regional no IV Plano de Fomento

obrigaria dada a inevitável limitação de recursos, a protelar muitos projectos de interesse social, evidentemente menos rentáveis.

(A título de mero exemplo referimos que o País vai despende vários milhões de contos, durante o período de

execução do Plano, para ultimar a electrificação rural, cuja rentabilidade, em termos económicos, e evidentemente baixa.)

O sentido global da evolução a visar não poderá deixar de ser, a prazo, e da sintonização com a Europa desenvolvida. Os emigrantes portugueses não querem saber de modelos de desenvolvimento; julgarão a árvore pela qualidade dos seus frutos. Eles querem condições de vida comparáveis á dos trabalhadores europeus; eles sentem-se no direito de as reivindicar e tentam obtê-las tomando os comboios da Europa. Mal nos iria, se não quiséssemos e soubéssemos criar em Portugal condições de vida que, confrontadas com as prevalecentes nessa Europa, permitam desencorajar a emigração:

Como não pretender, pois, que o sentido da evolução a visar seja, a prazo, o da "sintonização com a Europa desenvolvida"?

O Ministro Mota Campos, ao traçar as linhas mestras do IV Plano pôs à meditação do País o dilema de acompanharmos o ritmo de evolução de uma maioria europeia ou ficarmos perdidos num caminho cada vez mais confuso e difícil de percorrer.

5.ª COLUNA

Continuado da 1.ª página

que preço se pode comprar?

Há que pensar e repensar no infeliz sofrimento que não chegará tarde para toda a vida existencial da indústria e do comércio e se não atentarem nisto os homens do Negócio mergulhamos na maior das misérias, que nem a guerra produziu até hoje.

Razão tinha há dias o dr. Fernando Cardote, que na TV. alertou os meios industriais acerca do aumento do preço do petróleo e lembrando-lhes que é do comportamento deles que se pode julgar a crise

Até é verdade. Desse comportamento-ganhando menos a mantendo os preços — é que o mundo pode estancar a crise que nos vai avassalar, pelo processo em curso. Cuidado, Leitor.

EME ABRIL